

LÍNGUA MATERNA E VARIAÇÃO: QUAIS SÃO OS PARÂMETROS?

Josenildo Barbosa Freire¹

Introdução

O presente trabalho constitui-se de mais uma – dentre as inúmeras já existentes no campo dos estudos lingüísticos – contribuição dada aos descobrimentos dos reais fenômenos da linguagem humana.

Para tanto, partimos de dois grandes princípios que nortearam todo o estudo aqui abordado: primeiro, o de que a língua é um organismo vivo, portanto modifica-se no tempo e no espaço; segundo, é o de que a linguagem se dá como forma (“lugar”) de ação e interação. Deste modo, o indivíduo é visto como agente / sujeito da linguagem, e não como mero repetidor.

Procurando, no decorrer deste trabalho, estabelecer as possíveis relações existentes entre Língua materna e variação lingüística, objetivando a descoberta da linguagem – independente das normas da gramática normativa – como autêntica e repleta de significado sócio-cultural.

1. Língua Materna

Ao iniciarmos nossa abordagem, faz-se necessário que compreendamos bem o que entendemos por língua materna.

Sabemos que o indivíduo vive em um determinado grupo, e com este estabelece as mais variadas relações: amizade, afeto familiar, estudantil, enfim, social. Bem como pode interagir de diversas formas com outros indivíduos, troca experiências e adquire novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que aperfeiçoa outros. E é neste ambiente de realizações que ele começa a desenvolver-se, a tornar-se um sujeito socialmente importante.

Dentre tantas relações supracitadas, está a aquisição de uma língua, língua adquirida com sua família, em casa e interagindo com os demais membros de sua comunidade de origem. Sim, é esta língua aprendida das experiências reais e do cotidiano que denominamos língua materna, ou melhor, “a língua materna consiste em todo e qualquer registro lingüístico que o aluno traz dos domínios familiar e da comunidade. São as variantes que carrega consigo antes do acesso à escola”. (ZEN, 1998:25).

Corroborando as idéias até aqui ventiladas a definição de Bagno:

A língua que de fato pode ser classificada de materna, é um português brasileiro muito diferente ao português falado em Portugal e, mais ainda, da norma-padrão tradicional. É um português brasileiro vivo e dinâmico que participa, interfere, influi na construção e constituição da nossa sociedade, cada vez mais complexa e multifacetada. (BAGNO, 2003: 97)

¹ Licenciatura Plena em Letras - UEPB

Percebemos que esta aquisição é tão marcante bem como decisiva e que, muitas vezes, deixa nos falantes marcas indeléveis, mesmo que este venha a aperfeiçoar sua larga experiência lingüística.

Logo em seguida, vêm as influências recebidas, da e pela sociedade, onde descobrirá, e possivelmente sistematizará, novos conhecimentos lingüísticos. Nesta etapa o falante tem a oportunidade de entrar em contato com novas experiências e formas novas de expressão e comunicação, bem como terá oportunidades de abrir um leque de habilidades e competências em áreas diferentes do conhecimento humano, já conquistado e acumulado.

Finalmente, vem o convívio com a escola, e é neste espaço tão importante que fará a aquisição da variedade padrão, que é socialmente aceita e goza de um prestígio sócio-econômico e cultural por parte da classe de elite de nossa sociedade.

Deste modo, podemos afirmar que todo ser humano inserido em uma sociedade participa, na maioria dos casos, desses três domínios específicos anteriormente enumerados e comentados e que são muito importantes no entendimento e compreensão dos processos lingüísticos, são eles, a saber: domínio familiar, domínio da comunidade e domínio da escola.

Nosso trabalho aqui exposto quer reforçar o princípio que nossas crianças são portadoras de um verdadeiro e autêntico sistema lingüístico, que tem seu valor próprio e específico.

Também, queremos deixar claro que muitos estabelecimentos de ensino têm muitas vezes ignorado esta competência que portam nossos alunos, chegando muitas vezes levando-o ao ridículo, quando não aceitam esta língua. Surge assim, o preconceito lingüístico.

Claro que não estamos defendendo que as escolas não irão mais ensinar norma-padrão, não é isto que pretendemos. O que não pode continuar acontecendo é as escolas fazerem-se de desconhecedoras desta capacidade nata que cada estudante possui e deixa aflorar nas nossas salas de aulas. Já mencionamos anteriormente o fato de que as línguas mudam e variam. Vejamos o que diz o lingüista inglês David Crystal (1987: 328):

As línguas estão sempre num estado de fluidez. A mudança afeta o modo como as pessoas falam de forma tão inevitável quanto afeta qualquer outra área da vida humana. Os juristas das línguas não aceitam isso, mas pouco podem fazer a respeito. A língua só ficaria parada se a sociedade parasse. Um mundo de excelência lingüística imutável, baseado no brilho das antigas formas literárias, só existe na fantasia.

Segundo Travaglia (2002:17-20), prioritariamente e fundamentalmente o objetivo de ensino de língua materna é desenvolver a competência comunitária (gramatical e textual), ou seja, empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação; levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão, ensinando a variedade escrita da língua; levar o aluno ao reconhecimento da língua como a instituição lingüística e social e finalmente, tem a meta de ensinar o aluno a pensar, a raciocinar, desenvolvido através das habilidades de observação e argumentação.

2. Variação Lingüística

É necessários que reconheçamos que, dentro de uma determinada comunidade, existe uma diversidade lingüística, ou melhor, que toda comunidade de fala não é homogênea, mas heterogênea.

Partindo deste princípio fica fácil entendermos o conceito de variação lingüística. Segundo Bagno (2003:09): “As diversas maneiras: de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.

Sabemos que a Lingüística Contemporânea muito tem contribuído para que o fenômeno lingüístico seja cada vez mais compreendido e que velhos mitos sejam desfeitos e explicados à luz de estudos científicos. Uma destas contribuições é o que justamente estamos aqui abordando: que há diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa e com o mesmo valor de verdade.

Completa-se a definição de Bagno com a afirmativa de Alkmim:

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variação. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa” engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. (ALKMIM, 2001:33)

Esta discussão acerca da linguagem humana tem sido vastíssima nas últimas décadas, mesmo que seja por óticas diferentes e, portanto, direcionadas a públicos específicos e/ou mistos, tem provocado o surgimento de novas atitudes. Porém, ainda continua o grupo dos gramáticos-puristas que não admitem tal fenômeno da língua. Conseqüentemente, lutam e defendem por um ensino centrado nas gramáticas normativas que há em nosso convívio escolar.

Agora retomarmos o que inicialmente apresentamos como princípio básico deste trabalho: a língua varia no tempo e muda no espaço. Deste modo é que deveríamos trabalhar em nossas escolas, compreendendo que as línguas são organismos vivos, portanto, dinâmicas. Iríamos desenvolver um processo ensino-aprendizagem que realmente estava voltado para os reais fenômenos da língua com base científica e não apenas baseado na fala autoritária de gramático que diz que isto é “certo” e aquilo, é “errado”.

3. Considerações Finais

O estudo da linguagem humana tem se tornado, cada vez mais, um campo de fácil acesso, devido às grandes contribuições e descobertas da Lingüística Contemporânea, dentro dos vários ramos que a constituem, mas que nem sempre têm sido aceitos nas relações de convívio social.

Pudemos observar nesta abordagem que, de fato, o indivíduo é um ser falante por natureza, que traz dos seus diferentes ambientes de convivência, conhecimentos lingüísticos autênticos e que, devido aos valores sociais estabelecidos, podem ser classificados como “deficientes”, gerando por sua vez o que chamamos de

preconceito lingüístico, que é fruto da intolerância, da ignorância ou da manipulação ideológica.

Constatamos, também, que é possível desenvolvermos um ensino de língua materna mais humano e menos preconceituoso desde que aceitemos novas atitudes, paradigmas e perspectivas que nos tem oferecido a Sociolingüística, que ganhou impulso com os estudos do norte-americano William Labov em 1963.

Sem dúvida, estamos num período da História que nos possibilita a realização de um processo de ensino-aprendizagem que promove a interação do alunado com dos diferentes aspectos da vida humana. E não mais estejamos presos a valores e normas lingüísticas que não mais correspondem aos anseios da vida contemporânea e/ou científica.

Percebemos que tudo na vida humana tem mudado, mudanças que vão desde conceitos até reestruturação de instituições. E perguntamos: Por que não mudar também o que concebemos por Língua? O que ontem foi defendido e exposto como verdade imutável, talvez hoje não se aceite mais. Por isso, defendemos que a língua muda e varia. Quer dizer, muda com o tempo e varia no espaço.

E a escola não pode ficar alheia ou desconhecadora destas contribuições que ultimamente temos recebidos dos avanços na área da linguagem humana, cremos que paulatinamente o português não-padrão vai ganhando mais espaço e aceitação na sociedade. Deste modo, estaremos contribuindo para a desmistificação daqueles mitos que se perpetuaram no decorrer da nossa História.

Compreender e aceitar aquela língua que foge das normas gramaticais prescritivistas é contribuir para que a linguagem se realize no espaço de interação e que compreendamos as mais diferentes manifestações dos fenômenos lingüísticos que encontramos nos diversos falantes do português do Brasil.

Nosso trabalho aqui exposto quis constitui-se num auxílio direto àqueles que querem melhor entender os assuntos referentes à linguagem humana, pois, a partir de uma vastíssima referência bibliográfica aqui apresentada, buscamos demonstrar que a língua do homem é tão natural quanto ele é. Para tanto, faz-se necessário que as instituições escolares abandonem a velha resistência em aceitar as novas mudanças que vem nos oferecendo as descobertas deste século e é urgente a necessidade de elas prepararem um planejamento eficiente e eficaz para desenvolver seu trabalho didático com a oralidade e ortografia, não visando apenas avaliar no sentido puro de julgamento, mas de forma sistematizada, conduzir o alunado ao encontro da língua como um todo, um processo abrangente e complexo.

Também propomos, no decorrer do trabalho aqui apresentado, que é necessário entender que a língua não é necessariamente norma-padrão, pois se assim compreendermos estamos reconhecendo e afirmando que só existe uma norma que é por sua vez imutável. Porém, já constatamos que, de fato, e de direito, existe uma variedade lingüística incalculável nos mais diferentes ambientes da existência humana.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo. Parábola Editorial, 2001.

_____. **Preconceito Lingüístico:** o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **A Língua de Eutália:** Novela Sociolingüística. São Paulo: Contexto, 2003.

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of Language.** Cambridge: Cambridge University Press.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística:** domínios e fronteiras, vs. 1 e 2. São Paulo: Cortez, 2001.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2002.

XAVIER, Maria Luisa; ZEN, Maria Isabel H. Dalla (Orgs.). **Ensino da língua materna:** para além da tradição. Porto Alegre: Meditação, 1998.

